

# “MÁS INFLUÊNCIAS” E O USO DE DROGAS: ESTUDO PSICANALÍTICO SOBRE O IMAGINÁRIO COLETIVO DE ADOLESCENTES

**Jaqueline Caldamone Cabreira**

Estudantes da Faculdade de Psicologia  
Bolsistas PIBIC/CNPq  
jaqcc@hotmail.com

**Mariana Leme da Silva Pontes**

Estudantes da Faculdade de Psicologia  
Bolsistas PIBIC/CNPq  
mari\_pontes@hotmail.com

**Miriam Tachibana**

Doutoranda bolsista CNPq

**Tânia Maria José Aiello Vaisberg**

Grupo de Pesquisa CNPq “Atenção Psicológica Clínica em Instituições: prevenção e intervenção”  
Centro de Ciências da Vida  
aiello.vaisberg@gmail.com

*O sofrimento emocional na adolescência assume frequentemente o uso abusivo de álcool e drogas como manifestações sintomáticas, demandando atenção psicológica clínica. A partir de uma perspectiva teórica que reconhece a importância do ambiente humano na configuração dos diferentes quadros psicopatológicos, o conhecimento de imaginários coletivos, concebidos como mundos transicionais e culturais, torna-se fundamental na realização de intervenções de caráter psicoterapêutico ou psicoprofilático. Na presente investigação, solicitamos a estudantes, que abordamos em situação de sala de aula, em escolas particulares e públicas, que desenhassem, individualmente, “um adolescente nos dias de hoje” para, a seguir, escreverem uma história sobre a figura desenhada no verso da folha, conforme o Procedimento Desenhos-Estórias com Tema. De um total total de cento e noventa e sete desenhos, encontramos sessenta e cinco que traziam a temática do uso de álcool e drogas como conteúdo manifesto. Examinando-os à luz do método psicanalítico, percebemos não apenas a existência de preocupação com a questão em pauta, em uma parcela significativa de adolescentes, como também captamos um substrato afetivo-emocional de cunho especificamente paranoide, o que indica certa dificuldade no lidar de modo integrado com ansiedades ligadas ao adolecer no mundo contemporâneo.*

**Palavras-chave:** adolescência; imaginário coletivo; uso de drogas

**Área do conhecimento:** Psicologia – Tratamento e Prevenção Psicológica

## O USO DE ÁLCOOL E DROGAS POR JOVENS

Pesquisadores e clínicos dedicados ao estudo da vivência emocional do adolescente do mundo contemporâneo consideram que o processo de adolecer, que deve ser concebido como fenômeno psicossocial, tornou-se mais conturbado, nas últimas décadas, sob a vigência do que tem sido designada como uma “vida líquida”, que se constitui basicamente a partir do consumo, da aceleração, tecnológica e cultural, e da emergência de configurações que tendem a fragilizar os laços humanos (Baumann, 2007).

Nem sempre o sofrimento do adolescente é sintomático e aparente. Mesmo assim, um quadro geral bastante preocupante vem à luz quando certas questões, como a do uso abusivo de álcool e drogas, é estudada. Um interessante panorama se descortina quando consultamos a literatura especializada, apontando para o fato de que comportamentos aditivos em adolescentes inscrevem-se atualmente como problemática de saúde pública em todo o mundo. (Soldara, Dalgalarrodo, Correa Filho & Silva, 2004; Guimarães, Godinho, Cruz, Kappann & Tosta, 2004; Chaves & Andrade, 2005; Raupp & Costa, 2006).

Cumprido, entretanto, notar que tal atenção não deve se restringir a ações curativas, pois a situação, pela sua natureza e magnitude, demanda a adoção de medidas psicoprofiláticas, que exigem que o clínico se desloque desde o consultório particular para a instituição e a comunidade (Bleger, 2004), para entrar em contato direto com indivíduos e grupos no ambiente social em que vivem concretamente.

Afinadas com tal perspectiva, temos desenvolvido, em nosso Grupo de Pesquisa “Atenção psicológica clínica em instituições: prevenção e interven-

ção”, investigações voltadas ao imaginário coletivo de diversos grupos sociais sobre variadas questões humanas, que estão na base de sofrimento emocional e de exclusão social, visando captar as regras lógico-emocionais que sustentam determinadas condutas humanas, a fim de produzir conhecimento que seja clinicamente útil. Neste estudo, voltamos o olhar para o adolescente contemporâneo e objetivamos investigar o imaginário coletivo do jovem em relação ao uso de álcool e drogas na adolescência, adotando estratégia metodológica cuidadosa no sentido de evitar que a preocupação dos pesquisadores com a problemática em pauta contaminasse a expressão subjetiva dos adolescentes. Deste modo, não mencionamos o uso abusivo de álcool e drogas como instrução, preferindo solicitar desenhos-estórias de “adolescentes nos dias de hoje”.

### ESTRATÉGIAS METODOLÓGICAS

O interesse na pesquisa de imaginários coletivos, concebidos blegerianamente como condutas simbólicas de subjetividades grupais, motivou o desenvolvimento de estratégias metodológicas que estudamos há cerca de duas décadas, a qual tivemos oportunidade de expor, com grande detalhe, em tese de livre docência defendida na Universidade de São Paulo (Aiello-Vaisberg, 1999). Aspecto essencial desta abordagem é o uso de procedimentos dialógicos que facilitam a emergência de comunicações emocionais sob forma transicional, em entrevistas individuais ou coletivas. Vale, entretanto, salientar que, em ambos os tipos de entrevistas, temos como objetivo a produção de conhecimento sobre personalidades coletivas<sup>1</sup>, e não a focalização da singularidade individual de cada participante.

O uso do recurso dialógico segue delineamento que toma o chamado Jogo do Rabisco (Winnicott, 1968) como paradigma. Em suas consultas terapêuticas, visando facilitar a comunicação emocional de seu paciente, Winnicott (1970) lançava mão de um brincar especial, através do qual realizava um desenho, em co-autoria com seu paciente, a partir de rabiscos, em campo transferencial propício à emergência de comunicações emocionais significativas. Nesta linha, pensamos o uso de procedimentos apresentativo-expressivos, de caráter dialógico, como verdadeiros rabiscos que cumprem a função daqueles nas

consultas terapêuticas originais. Nossa experiência de pesquisa tem evidenciado que muitos diferentes tipos de recursos facilitadores do diálogo podem ser utilizados proveitosamente. Entretanto, temos privilegiado o uso do Procedimento Desenhos-Estórias com Tema, desenvolvido por Aiello-Vaisberg (1999) a partir do Procedimento Desenhos-Estórias de Trinca (1972)<sup>2</sup>, através do qual o participante é convidado a realizar um desenho e inventar uma história, sobre um tema qualquer, definido a partir dos interesses de investigação do pesquisador.

Dessa maneira, contatamos dez escolas do interior do Estado de São Paulo, das quais cinco eram públicas e cinco privadas<sup>3</sup>. Em cada uma destas instituições escolares, selecionamos, aleatoriamente, uma sala de aula de oitava série a terceiro colegial, e solicitamos, à classe de estudantes, que fizessem, individualmente, um desenho-estória sobre um “adolescente nos dias de hoje”<sup>4</sup>. Obtivemos, deste modo, um total de cento e noventa e sete desenhos-estórias, sendo cento e vinte e seis oriundos de instituições públicas.

Posteriormente às entrevistas, selecionamos, dentre o material clínico, os desenhos-estórias em que apareciam referências explícitas ao uso de álcool e drogas, dado o nosso objetivo de investigação. Em seguida, os sessenta e cinco desenhos-estórias foram apresentados ao grupo de pesquisadores dentro do qual este estudo foi desenvolvido, estratégia metodológica que tem se revelado eficaz em nossos estudos, uma vez que nos beneficiamos das associações livres despertadas no grupo, frente ao material clínico, enriquecendo as reflexões clínico-teóricas. Adotando as recomendações metodológicas de Herrmann (2001), interrogamos o material segundo as palavras de ordem “deixar que surja”, “tomar em consideração” e “completar a configuração de senti-

<sup>1</sup> Chamamos a atenção para o fato de que, em trabalhos anteriores voltados ao imaginário coletivo de grupos sociais diversos, denominávamos este enquadre como “consulta terapêutica coletiva”. Decidimos adotar a terminologia “entrevista individual/grupal para abordagem da personalidade coletiva” porque tomamos a iniciativa de propor o encontro a pessoas que não nos apontaram nenhuma queixa ou demanda clínica.

<sup>2</sup> Trinca (1972) desenvolveu o Procedimento Desenhos-Estórias como um meio auxiliar de conduzir o exame psicológico. Através deste procedimento, o participante é convidado a realizar uma série

de cinco desenhos livres, além de inventar uma história para cada desenho e atribuir-lhe um título.

<sup>3</sup> As entrevistas nas escolas públicas foram realizadas pela aluna Maria Leme da Silva Pontes, enquanto as entrevistas nas instituições privadas foram realizadas por Jaqueline Caldamone Cabreira.

<sup>4</sup> Optamos por um tema amplo, pois entendemos que a solicitação de um material especificamente voltado a um adolescente usuário de álcool e drogas poderia vir a ser vivido de forma defensiva pelos estudantes. Além disso, compreendemos que um tema mais abrangente poderia dar margem para que outros temas, presentes no imaginário dos adolescentes, emergissem espontaneamente, permitindo a realização de outros estudos, como de fato ocorreu (Cabreira, Caldamone, Tachibana & Aiello-Vaisberg, 2007b; Cabreira, Caldamone, Tachibana & Aiello-Vaisberg, 2007c).

do”, mantendo-nos fiéis a uma perspectiva psicanalítico-fenomenológica.

Os procedimentos metodológicos utilizados permitiram um esquadrihar minucioso do material obtido, que já tivemos ocasião de apresentar em trabalho anterior (Cabreira, Pontes & Aiello-Vaisberg, 2007a). No momento focalizaremos uma configuração, que consideramos clinicamente significativa, que diz respeito ao fato de termos captado um campo psicológico não consciente de caráter marcadamente paranóide – que denominamos campo das más influências - em trinta por cento das produções que tem o uso de drogas e álcool como conteúdo manifesto.

### **ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE AS “MÁS INFLUÊNCIAS” NA ADOLESCÊNCIA**

O campo psicológico não-consciente das “más-influências” organiza-se a partir da crença lógico-emocional de que o adolescente começaria a usar álcool e drogas devido ao vítima da influência de más companhias. Trata-se de configuração dominada pela figura do usuário de drogas, que é sempre um “outro” ao qual são atribuídas intenções maldosas. Aparentemente, tal personagem não estaria apenas voltado à busca do prazer pela via do uso da droga, mas interessar-se-ia sobretudo pela disseminação do mal entre vítimas inocentes e desavisadas.

É possível, como já apontaram muitos autores, entre os quais destacamos Winnicott (1961), que jovens adotem comportamentos anti-sociais não apenas quando vivenciaram privação e carência emocional, mas, também, por seguirem líderes grupais emocionalmente muito perturbados, uma vez que, nesta etapa da vida, o grupo tende a tornar-se muito importante, no contexto de tentativa de diferenciar-se dos modos de ser familiares. Entretanto, é importante salientar que a possibilidade de vir a ser influenciado pelo grupo é hipervalorizada, pelos adolescentes que estudamos, como caminho que conduz ao abuso das drogas e até à morte. Esta questão pode ser bem observada na história seguinte:

*“Havia um adolescente de classe média que vivia na região central da cidade. Influenciado pelos amigos, começou a beber e fumar. Ele começou apenas com o cigarro e a cerveja. Após um ano já estava*

*usando  
do  
maco  
nha,*

*cocaína e bebendo de tudo. Três anos após ele foi internado numa clínica, onde ficou um ano e morreu”.*

Este movimento imaginário no sentido de distinguir dois tipos de adolescentes, os viciados que corromperiam os inocentes, corresponde a uma estratégia defensiva, bastante conhecida pela Psicanálise, que surge sempre em resposta à emergência de angústias de tipo paranóide. Ao atribuir ao “outro” a responsabilidade pelo uso das substâncias psicoativas, inocentam e vitimizam o autor de um ato que, em nossa sociedade, tem sentido transgressivo. É interessante notar que, na maioria dos desenhos-estórias voltados ao tema do uso de álcool e drogas, há a representação de dois adolescentes - um deles usuário de álcool e drogas, enquanto o outro não -, embora os participantes tenham sido solicitados a realizar a produção sobre um único jovem. Para ilustrar, selecionamos o seguinte desenho-estória, em que aparecem uma menina, com o semblante assustado, e um rapaz fumante:

*“Eu vejo os adolescentes de hoje irresponsáveis, ignorantes e burros. (...). Alguns apenas pensam em se divertir, usar drogas e se relacionar com pessoas erradas. Mas uma parte deles quer um futuro bom e se afasta das pessoas que as prejudicam”.*



Como vimos, neste imaginário adolescente existiam pessoas essencialmente ruins, das quais os jovens “bons” deveriam afastar-se para não serem influenciados negativamente. Talvez este imaginário não seja visto como problemático para alguns programas de orientação aos adolescentes, que podem compreender esta conduta de afastar-se do usuário de álcool e drogas, visto como má influência, como um comportamento desejável e que minimizaria as chances de alguém se tornar igualmente usuário. Entretanto, ao nosso ver, considerar que o usuário de drogas seja uma “pessoa errada” seria problemático por mais de uma razão. Em primeiro lugar, porque corresponde a uma classificação de fundo moralista e psiquiatrizante, que ignora que toda conduta é emergente de um campo complexo de determinações, que incluem o ambiente e a experiência emocional, presente e passada. Tal configuração compromete a possibilidade de uma atenção psicológica clínica e conspira a favor de condutas discriminatórias e excludentes, que não contribuem para a reabilitação destes jovens. Por outro lado, é importante lembrar que estratégias paranóides indicam sempre dificuldades importantes de integração pessoal no sentido da possibilidade de aceitação de aspectos eventualmente problemáticos do si mesmo, que podem ser facilmente projetados na figura do usuário de drogas.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Aiello-Vaisberg, T.M.J. (1999). *Encontro com a loucura: transicionalidade e ensino de psicopatologia*. Tese de livre docência não-publicada, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP.
- Baumann, Z. (2007). *Vida Líquida* (C.A. Medeiros, Trad.). Rio de Janeiro, RJ: Zahar.
- Bleger, J. (2004). *Psicohigiene y Psicologia Institucional*. Buenos Aires: Paidós.
- Cabreira, J. C., Pontes, M.L. da S. & Aiello-Vaisberg, T.M.J. (2007a). “Entre dois caminhos”: o imaginário coletivo de adolescentes sobre o uso de álcool e drogas. [Texto completo]. Anais do VII Encontro de Iniciação Científica. Campinas, SP: Pontifícia Universidade Católica de Campinas.
- Cabreira, J. C., Pontes, M.L. da S., Tachibana, M. & Aiello-Vaisberg, T.M.J. (2007b). “Incompreensão, vazio e oposição pueril”: o imaginário coletivo de adolescentes sobre a adolescência no mundo atual. [Texto completo]. In Programa de Pós-Graduação em Psicologia (Org.). I Jornada de Pesquisa em Psicanálise e Fenomenologia (pp. 65-87). Campinas, SP: Pontifícia Universidade Católica de Campinas.
- Cabreira, J. C., Pontes, M.L. da S., Tachibana, M. & Aiello-Vaisberg, T.M.J. (2007c). *Ódio e discriminação contra “emos”: um estudo sobre o imaginário coletivo de adolescentes*. [Texto completo]. Boletim do Núcleo de Psicanálise de Campinas e Região, 10 (15), 227-242.
- Chávez L.M.C. & Andrade D. (2005). La escuela básica en la prevención del consumo de alcohol y tabaco: retrato de una realidad. *Revista Latinoamericana de Enfermagem*, 13, 784-789.
- Guimarães, J.L., Godinho, P.H., Cruz, R., Kappann, J.I, & Tosta Jr, L.A. (2004). Consumo de drogas psicoativas por adolescentes escolares de Assis, SP. *Revista de Saúde Pública*, 38 (1), 130-132.
- Herrmann, F. (2001). *Introdução à Teoria dos Campos*. São Paulo, SP: Casa do Psicólogo.
- Raup, L.M. & Costa, J.M. (2006). *O ECA e as práticas de atendimento à drogadição na adolescência*. Anais do Primeiro Congresso Internacional de Pedagogia Social. [www.proceedings.scielo.br/scielo.php](http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php)
- Soldera, M., Dalgalarondo, P., Correa Filho, H.R. & Silva, C.A.M. (2004). Uso de drogas psicotrópicas por estudantes: prevalência e fatores sociais associados. *Revista de Saúde Pública*, 38 (2), 277-283.
- Trinca, W. (1972). *O Desenho Livre como Estímulo de Apercepção Temática*. Tese de doutorado não-publicada. Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo. São Paulo, SP.
- Winnicott, D.W. (1961). Adolescência: transpondo a zona de calmarias. In Winnicott, D.W. *A família e o desenvolvimento individual*. (M.B. Cipolla, Trad.). São Paulo, SP: Martins Fontes.
- Winnicott, D.W. (1968). O jogo do rabisco. Em Winnicott, C., Shepherd, R. & Davis, M. (Orgs.), *Explorações psicanalíticas D.W. Winnicott* (J.O. de A. Abreu, Trad.). Porto Alegre, RS: Artes Médicas.
- Winnicott, D.W. (1970). *Consultas terapêuticas em psiquiatria infantil*. (J.M.X. Cunha, Trad.). Rio de Janeiro, RJ: Imago.